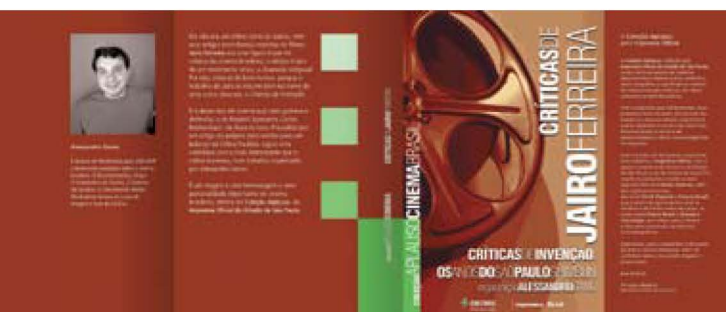




Jairo Ferreira no São Paulo Shimbun (1966-1973)

Não é exagero afirmar que a crítica de cinema é uma decorrência direta da cinefilia. Mesmo quando exercida pelos gélidos exegetas do estruturalismo, pelos que amam o fotograma acima da sequência, pelos que acreditam que obra e autor não têm nada a ver um com o outro, e outros modismos, todo crítico julga amar o cinema, ainda que nem todos o compreendam. Essa ligação entre a febre do cinema e a vontade de analisá-lo surge de modo mais evidente na crítica impressionista, hoje meio fora de moda, cujas características principais são os rompantes de amor e ódio. Celebridades do gênero, como Moniz Vianna ou Rubem Biáfora, mal analisavam os filmes em questão, opinavam acima de tudo, sem ao menos se dignarem a expor seus argumentos aos leitores, meros mortais.

Jairo Ferreira, antípoda desses dois, dos quais é muito distante em idade e ideologia, era também opinativo antes de ser analítico, e panfletário antes de ser reflexivo. Seus artigos se aproximam mais do *agit-prop* do que do ensaio, da crítica e mesmo da resenha. São escritos num texto caudaloso, que lembra Glauber Rocha e Rogério Sganzerla, com citações tropicalistas, notadamente do jovem Gilberto Gil. Para os interessados, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou em 2006, pela coleção Aplauso, *Jairo Ferreira e convidados especiais/ Críticas de invenção: os anos do São Paulo Shimbun*, coletânea organizada por Alessandro Gamo e que pode ser baixada gratuitamente no sítio da editora. É uma excelente oportunidade para travar conhecimento com um dos expoentes de um gênero de jornalismo que não existe mais. O que o faz, a meu ver, superior aos acima citados (e seus discípulos), saudosos do modelo industrial hollywoodiano dos anos 1940, é ter se posicionado a favor da modernidade, e não contra ela. Alguém radicalmente a favor do futuro. Sonhador, poeta e visionário, assim foi definido por Rubens Ewald Filho no prefácio, com muita felicidade.



Nascido em São Paulo em 1945, adolescente já frequentava o Cineclube Dom Vital, por onde passaram Jean-Claude Bernardet e Gustavo Dahl, entre outros. Lá ficou até 1966, quando, a convite do poeta Orlando Parolini, aceitou dividir uma coluna no São Paulo Shimbun, jornal dirigido à colônia japonesa e que, pela legislação, precisava ter pelo menos alguma página em português. Logo se tornou titular e lá ficou sete anos, assinando o verdadeiro nome, mas também os pseudônimos Marshall MacGang, Ligéia de Andrade, João Miraluar. Se viajava, cedia o espaço para os amigos Carlos Reichenbach, Jean-Claude Bernardet, João Batista de Andrade, Márcio Souza e Antonio Lima. Em suma, a boa turma do início da Boca do Lixo, que fazia um cinema independente logo suplantado pelas pornochanchadas de Ody Fraga e Jean Garret, financiadas por exibidores de segunda linha. Aliás, um dos traços mais interessantes da trajetória de Jairo Ferreira é que, ao contrário da grande maioria dos críticos brasileiros, participou ativamente da vida cinematográfica, exercendo as funções de *still*, editor, roteirista, diretor e até ator. Amar o cinema sobre todas as coisas foi o seu principal pecado.

Os textos do Shimbun, se observados na ordem cronológica, mostram uma evolução do sério para o delirante (no sentido glauberiano do termo), com pitadas de memorialismo. Passamos a conviver com suas predileções (Godard, Truffaut, Fuller, Imamura, Ishihara, Sganzerla, Bressane), mas também com suas impicâncias (Ford, Glauber, Khoury). O linguajar é delicioso, usa mais adjetivos que Nelson Rodrigues. Aqui, define os colegas de profissão como “criticalha desmunhecante e descotovelada”. Ali, destrói *O quarto*, de Rubem Biáfara (“pretensioso e medíocre”), filme no qual foi assistente de direção. Acolá, classifica *Duas ou três coisas que sei dela*, de seu querido Godard, como “um dos filmes mais chatos do diretor mais chato do cinema”. (Qualquer



estudioso da obra desse cineasta reconhece hoje nesse filme um ponto de mudança, o fim do ciclo Anna Karina e o início do estruturalismo e do racionalismo. Só que Jairo sentiu isso... na hora mesma do acontecimento!). *Cara a cara*, a estreia de Bressane, é resumido em uma única palavra: “fraco”. Sobre *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, premiado em Cannes, troveja: “é preciso acabar com as macumbas pra turista que Glauber anda vendendo na Europa” e o próprio cineasta baiano, na sua opinião, “devia ter desaparecido depois de *Deus e o diabo*”. Mais adiante, reconhece seu valor. O Visconti de *Os deuses malditos* é “um chato de galocha”, mas o de *Morte em Veneza*, um mestre incontestável.

Devido ao seu amplo conhecimento, qualquer opinião deve sempre ser levada em conta. Quando garante que *Perigo à vista*, de Reinaldo Paes de Barros com o cantor Agnaldo Rayol, é muito superior a *Roberto Carlos e o diamante cor de rosa*, de Roberto Farias, rotulado “o diamante dos idiotas”, isso não é algo a ser desprezado pelos novos críticos e pesquisadores. Antes pelo contrário. Idem a respeito de *As escandalosas*, de Miguel Borges, que, para surpresa geral, encabeça uma lista de melhores do rigoroso Bernardet. *O bravo guerreiro*, de Gustavo Dahl,

um fruto típico do Cinema Novo, movimento que considera ultrapassado, recebe elogios, assim como *O pornógrafo* de João Callegaro, de uma linha completamente oposta. Já *Panca de valente*, tentativa mercadológica meio canhestra do amigo Person, é justamente espinhafrado, quase tanto quanto o abominável *blockbuster* gaúcho *Coração de mãe*, de Teixeira. Sem paternalismos. O cinema acima de tudo, e o cinéfilo contra todos. Infelizmente esses filmes permanecem pouco conhecidos ainda hoje.

Voltemos ao memorialismo, que me parece o sintoma mais interessante da sua febre, e certamente uma de suas contribuições que mais resistirá ao tempo. Relembremos que a Boca do Lixo abrigou, entre 1968 e 1970, uma produção jovem independente, nem sempre bem-sucedida comercialmente, porém muito estimulante. O radical *Orgia ou o homem que deu cria*, de João Silvério Trevisan, segundo Jairo, foi o derradeiro produto desta fase. Um personagem que surge muito vivo nessa antologia é o misterioso Orlando Parolini. Poeta pirado, depois funcionário de uma agência de propaganda, novamente desbundado, antes de morrer trabalhou como ator nos dois melhores filmes de Carlão Reichenbach (*Amor palavra prostituta* e *O império do desejo*). Mas antes dirigiu um filme transgressor (*A via sacra*), cujo negativo destruiu num acesso de depressão, para eliminar provas de um processo de corrupção de menores. O entusiasmo de Jairo faz desse filme inexistente um seriíssimo candidato às listas de melhores do cinema.

Essas crônicas do Shimbun, por mais interessantes que sejam, mostram apenas o início da sua presença no cinema brasileiro. Existe ainda uma dezena de filmes, curtas, médias e longas, em Super-8 ou 35 mm, dirigidos entre 1973 e 1993, e reunidos no DVD duplo *Cinema de Invenção*, produção de Paulo Sacramento. Há uma unidade estilística entre uma coisa e outra. Um dos melhores, *Horror Palace Hotel*, de 1978, cobre os bastidores da mostra dissidente do XI Festival de Brasília, Horror Nacional, organizada pelos cineastas da contracultura. Entre depoimentos longos ou breves de Júlio Bressane, Ivan Cardoso, Elyseu Visconti e Neville d'Almeida, temos momentos preciosos. Destaquemos a conversa entre o crítico Almeida Salles e o cineasta Mojica Marins sobre o poder exorcizante de

São Miguel Arcanjo, com intervenções de Rogério Sganzerla, presença constante em todo o filme. Quarenta minutos de cortiço e história. Sua obra definitiva porém é o livro *Cinema de invenção* (edições em 1982 e 2000), generoso e idiossincrático tratado sobre o tema, consulta obrigatória para todo o sempre. Veio para ficar, concordemos ou não com ele.

Jairo Ferreira escreveu na Folha de S.Paulo entre 1976 e 1980 e foi assessor de imprensa da Embrafilme entre 1982 e 1986, durante a gestão Carlos Augusto Calil. Depois disso, a vida pessoal não lhe foi amena. Alcoólico nada anônimo, soropositivo, há quem jure tê-lo visto disputar comida com mendigos numa lata de lixo em via pública. Merecia melhor destino, por tudo que fez e ainda poderia fazer. Num dia qualquer de 2003, da janela de seu apartamento, preferiu alçar voo para outras dimensões. Pequeno e grande Jairo! Se não tivesse existido, precisaria ser inventado. O cinema agradece sua breve passagem pelo planeta, e pede bis.

João Carlos Rodrigues jcrodrigues@filmeicultura.org.br

